

frieze los angeles 2023

booth e18

nara roesler

preview

quinta, 16 de fevereiro

aberto ao público

17–19 de fevereiro

tomie ohtake

bruno dunley

lucia koch

jaime lauriano

manoela medeiros

fabio miguez

vik muniz

amelia toledo

santa monica airport

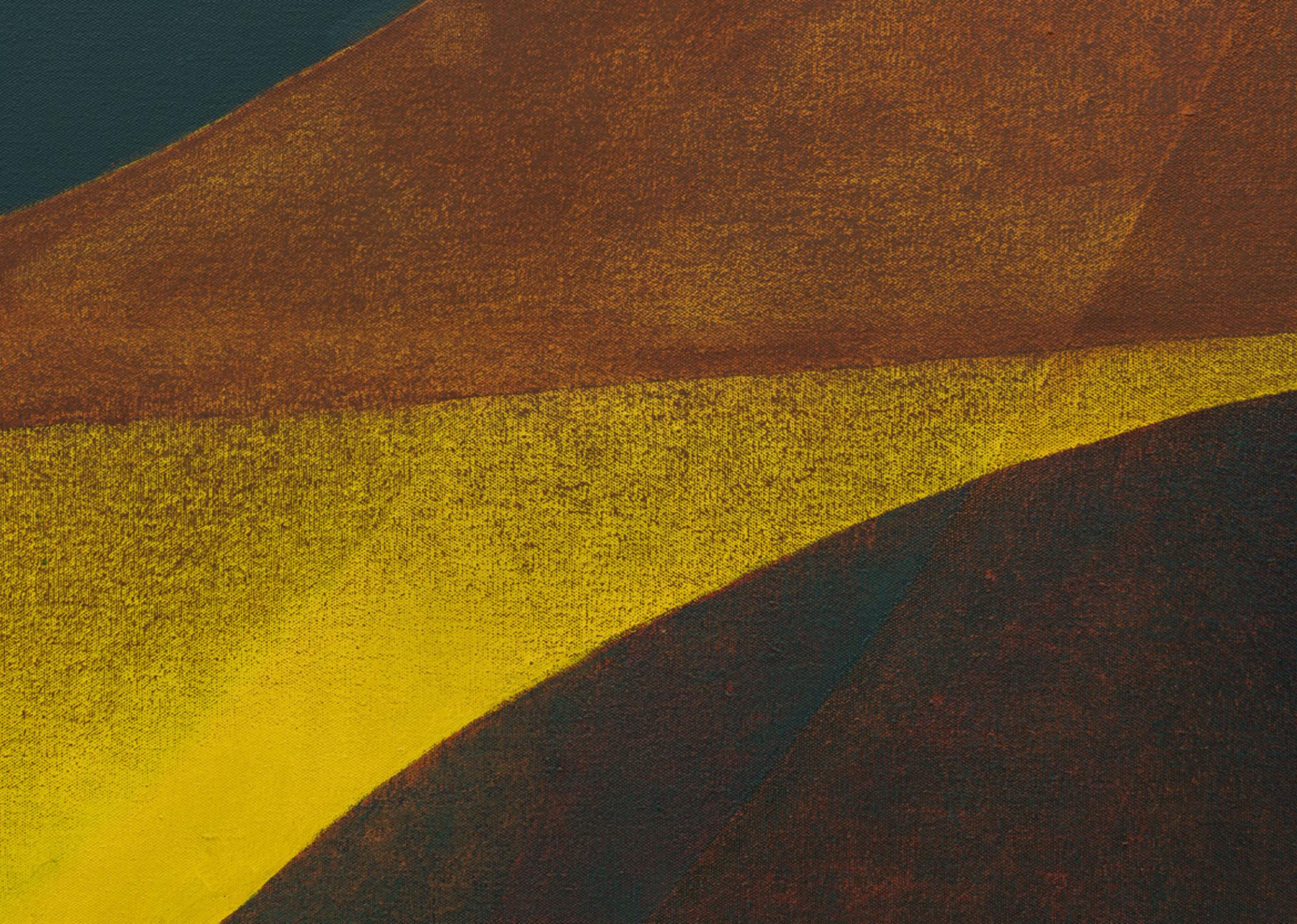
california, eua

Sem Título, de Tomie Ohtake, de 1984, pertence a outro corpo de trabalho iniciado no final dos anos 70 e desenvolvido ao longo dos anos 80. Nestas obras, ela articula diferentes campos de cor, texturas, tonalidades, formas e transparências, através de composições sobrepostas. Este procedimento confunde e distorce a distinção entre figura e fundo. Segundo o crítico Miguel Chaia: “nas pinturas feitas entre o final dos anos 70 e os anos 80, pode-se notar que o enquadramento funciona como um dispositivo de composição em relação às formas que se aproximam, puxando-as para o primeiro plano. O que antes era etéreo e amplo, é agora encarnado e materializado em imagens que se referem a estrelas, galáxias ou outros acontecimentos no cosmos”.

bio da artista

Tomie Ohtake
Sem título, 1984
tinta acrílica sobre tela
150,4 x 150,7 cm





O trabalho *Green Juice* pertence à série Fundos, realizada pela artista a partir de 2011. Nessas obras, Lucia Koch, desdobrando sua investigação sobre espaços, arquiteturas e a percepção dos mesmos, fotografa interiores de caixas das mais diversas naturezas. Essas fotografias são ampliadas de modo a ganharem escala arquitetônica, se tornando extensões dos ambientes no qual foram instaladas. A princípio estruturas de objetos descartáveis, graças a ampliação elas ganham aspecto habitável, similar a um cômodo.

bio da artista



Lucia Koch
Green Juice, 2017
impressão de pigmento
sobre papel de algodão
edição de 6 + 2 PA
112,4 x 73 x 2,5 cm



Esta obra, de 1969, pertence a uma série de pinturas e colagens executadas pelo artista nos anos 60. Embora o seu trabalho anterior fosse caracterizado por uma maior liberdade de gesto, este trabalho demonstra uma preocupação específica com a forma, apresentando áreas cromáticas mais claramente delineadas contra fundos monocromáticos.

A base para a execução destas formas são pedaços de papel cortados e arrancados de revistas brasileiras e japonesas. Embora apresentem alguma regularidade, estas áreas são formadas por geometrias soltas, algo tortas, resultantes do rasgo. Da mesma forma que o contorno é imperfeito, as cores que o preenchem são bastante descontínuas do que uniformes, e manifestam diferentes tonalidades, texturas e acumulações, variando de opaco a translúcido dentro da mesma composição.

Este uso mais impreciso, vibrante e algo “orgânico” da geometria era comum na arte brasileira e latino-americana durante as décadas de 1950 e 1960. Nunca tendo aderido a quaisquer movimentos e grupos artísticos, Tomie Ohtake abordou esta abstracção orgânica particular através do conflito da geometria com elementos de pintura gestual desenhados a partir da filosofia oriental.



Tomie Ohtake
Sem título, 1969
tinta óleo sobre tela
92 x 65 cm





A série *Natureza Morta* de Manoela Medeiros, executada pela artista ao longo de 2022, é um desdobramento do seu interesse em questões como a pintura e ruínas expandidas, um aspecto importante de sua poética. O título desta sequência refere-se ao gênero *Natureza Morta*, muito comum ao longo da história da arte, como uma forma canônica de representar objetos inanimados, alimentos, plantas e animais, muitas vezes com dimensões alegóricas. Neste caso, porém, os objetos em questão são elementos de construção, tais como tijolos, ornamentos de azulejos, cerâmica, gesso pintado e cobogós, que são empilhados em diferentes composições, ganhando uma característica “arquitetônica”. A série *Ruína (Paisagem)*, desenvolvida ao longo dos últimos anos, tem também uma sensação arquitetônica, dado que estas pinturas, compostas de espessas camadas de tinta acrílica e pigmento mineral escavado, têm uma semelhança com o descascar de paredes.

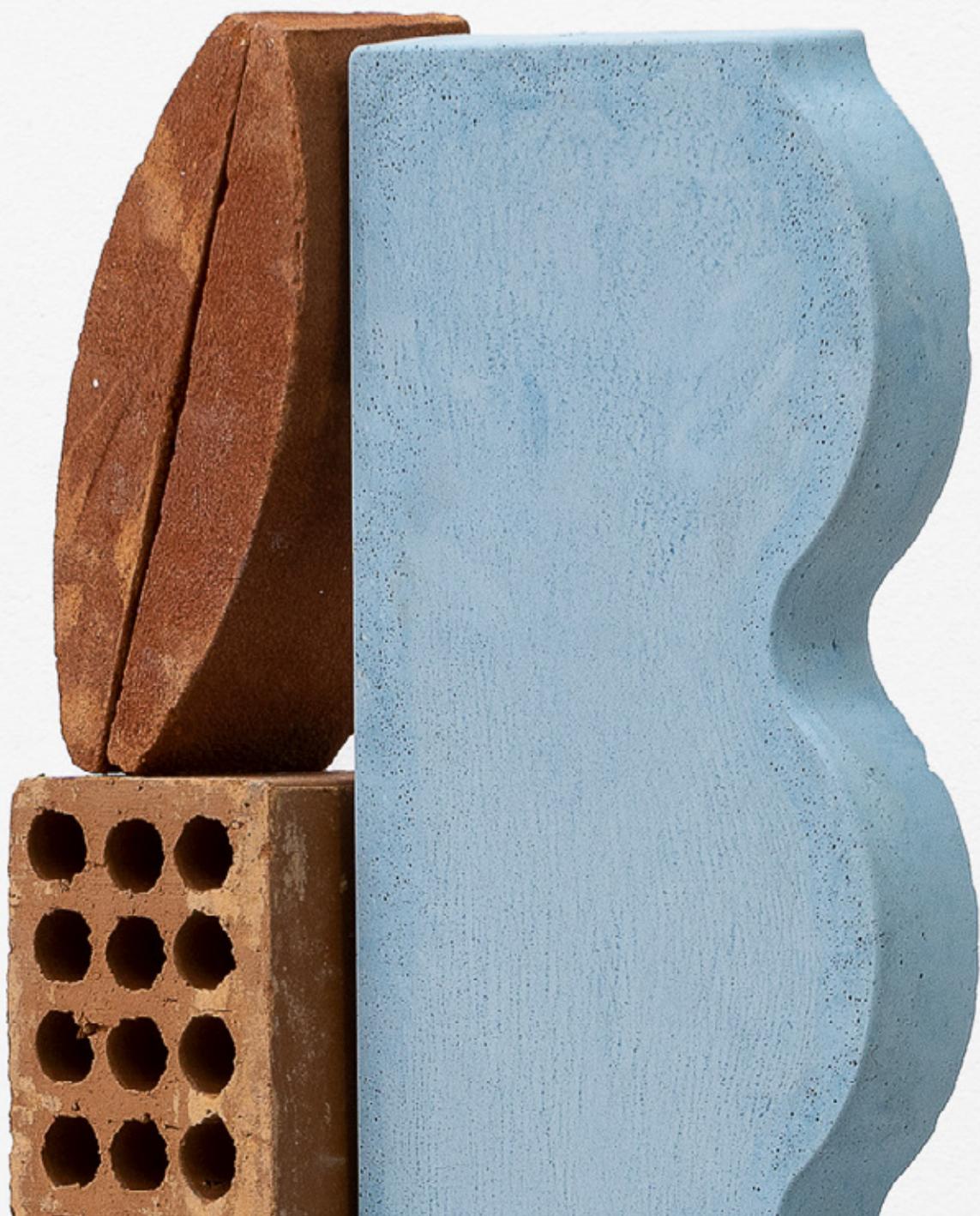
bio da artista

Manoela Medeiros
Natureza morta, 2022
bloco de concreto, concreto
pigmentado e tijolo
79,5 x 36,5 x 11,5 cm





Manoela Medeiros
Natureza morta, 2022
bloco de concreto, concreto
pigmentado e tijolo
80 x 30,5 x 10 cm



Manoela Medeiros
Natureza morta, 2022
bloco de concreto pigmentado, gesso
pigmentado, cerâmica e tijolo
83 x 40 x 19 cm



Manoela Medeiros
Natureza morta, 2022
bloco de concreto pigmentado, gesso
pigmentado, cerâmica e tijolo
90,5 x 19,5 x 19,5 cm





Manoela Medeiros
Natureza morta, 2022
bloco de concreto pigmentado, gesso
pigmentado, cerâmica e tijolo
90 x 23 x 19 cm





Manoela Medeiros
Ruína (paisagem), 2022
tinta acrílica, massa acrílica, pigmento
mineral e escavação sobre tela
120 x 120 x 5 cm



Manoela Medeiros
Ruína (paisagem), 2022
tinta acrílica, massa acrílica, pigmento
mineral e escavação sobre tela
120 x 120 x 5 cm

Sem título, de 2012, pertence à série Horizontes, iniciada pela artista nos anos 90, como resultado das suas experiências com a pintura nos anos 80, quando começou a concentrar-se em aspectos como o apoio, o gesto e a cor. Neste corpo de trabalho, porém, Toledo mergulha profundamente num género pictórico específico: a paisagem. Interessada nos elementos que compõem a pintura, reduz a paisagem a uma linha de horizonte que divide a tela ao meio, colocando a obra no limiar entre a figuração e a abstração. As cores apresentadas na composição são tonalidades de amarelo, sendo a parte inferior mais ocre e a parte superior mais luminosa. A artista também inclui a moldura como parte da obra, empregando todas as outras tonalidades de amarelo.

bio da artista

Amelia Toledo
Sem título, da série *Horizontes*, 2012
tinta acrílica sobre linho
130 x 100,7 x 3,7 cm







Amelia Toledo
Sem título, da série *Horizontes*, 2012/2015
tinta acrílica sobre linho
80,4 x 130,4 x 3,6 cm

Fábio Miguez
Sem título, 2019
tinta óleo e cera sobre linho
30 x 30 x 2,5 cm



Os trabalhos de Fábio Miguez das séries *Atalhos* e *Volpi* são resultado de pesquisa pictórica empreendida pelo artista na última década. De pequenos formatos, elas revisitam diferentes momentos da história da pintura. Nos *Atalhos*, o artista cria releituras de algumas pinturas de artistas do primeiro Renascimento, como Giotto, Piero della Francesca e Cimabue. A grande contribuição desses nomes para a história da arte foi a maneira de representar volume, espaço e profundidade e a materialidade das coisas, sobretudo a partir da perspectiva. Miguez, contudo, abre mão de representar os temas e pessoas desses mestres, se detendo e aprofundando sobre espaços e elementos arquitetônicos, bastante característicos desse tipo de trabalho. *Volpi* vai por caminho semelhante, dado que o artista ítalo-brasileiro também se debruçou bastante sobre os mestres do antigo Renascimento. No entanto, Miguez aqui se detém sobre alguns detalhes das composições volpianas, em geral arquitetônicos, e acaba por criar versões ampliadas dos mesmos.

bio do artista

Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30,3 x 30,3 x 2,6 cm

Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30,1 x 30,8 x 2,5 cm

Sem título, 2022
tinta óleo e cera sobre linho
24 x 18 cm

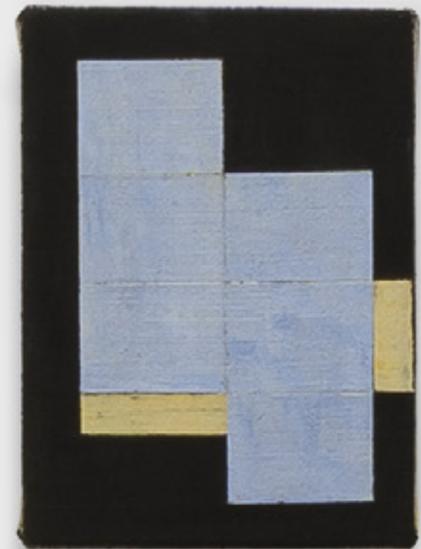




Fabio Miguez
Sem título (série Volpi), 2022
tinta óleo e cera sobre linho
24,3 x 25 x 3 cm



Fabio Miguez
Sem título (série Volpi), 2022
tinta óleo e cera sobre linho
25 x 24,2 x 3 cm



Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
24,4 x 18,6 x 2 cm





Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
24,6 x 18,5 x 2 cm

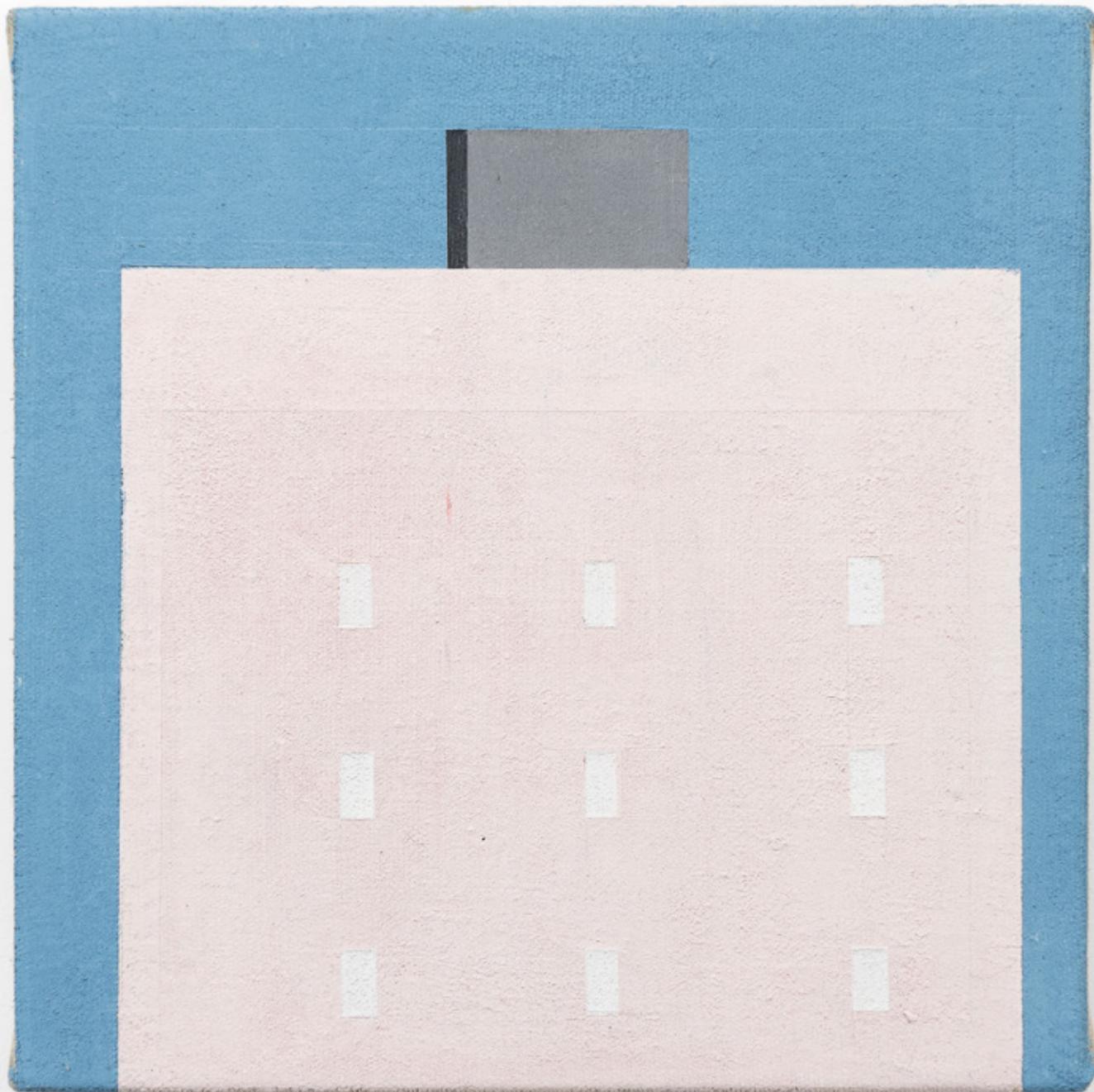
Sem título, 2021
oil paint and wax on linen
30,5 x 30,5 x 2,7 cm

Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
24,4 x 18,7 x 2 cm

Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
24,4 x 18,5 x 2 cm

Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
24,4 x 18,8 x 2 cm





Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30 x 30 cm

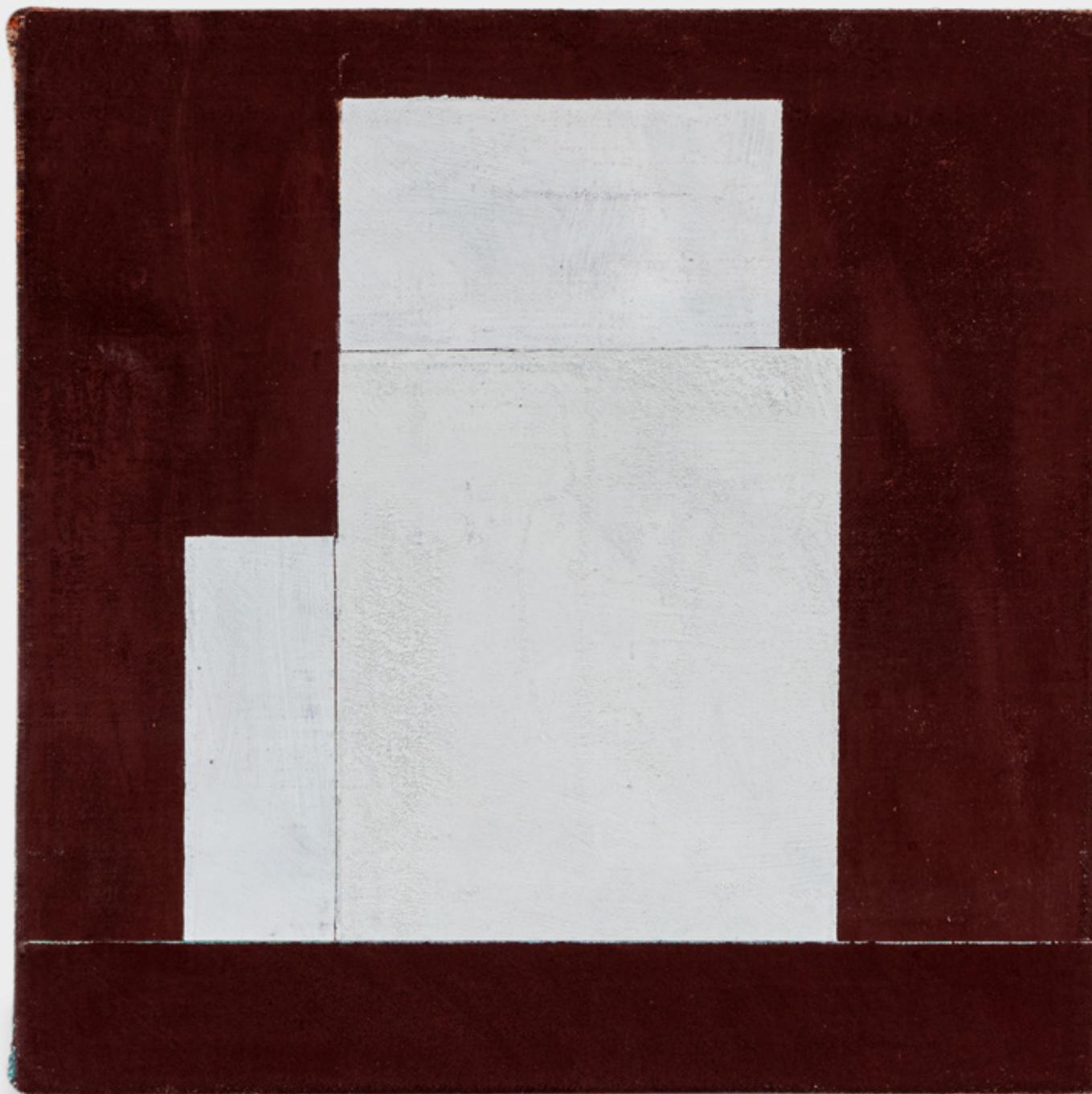


Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30,5 x 30,7 x 2,7 cm



Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30,2 x 30,8 x 2,7 cm





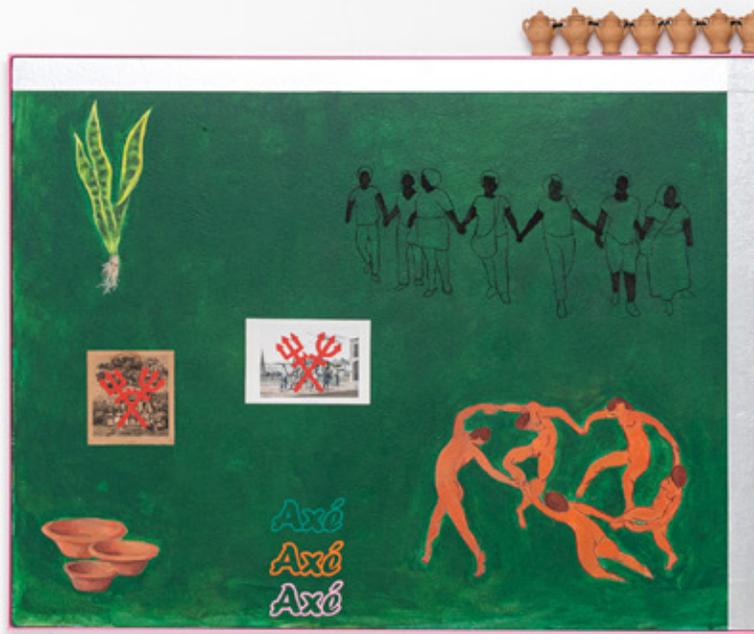
Sem título, 2019
tinta óleo e cera sobre linho
30,3 x 30,8 x 2,6 cm

Fabio Miguez
Sem título (Piero), 2021
tinta óleo e cera sobre linho
30,2 x 30,8 x 2,6 cm



Quando a Gira Girou, de 2022, faz parte de uma nova série de obras do artista e destaca-se por ser a sua primeira experimentação no campo da pintura. Jaime Lauriano coloca fragmentos de imagens recortadas numa tela monocromática, tais como desenhos, colagens e palavras, bem como objetos tridimensionais posando em cima da moldura das suas pinturas, transformando-as em iconostasis inteiras (uma parede de ícones na arte bizantina). Muitos destes elementos derivam de cultos e religiões de origem africana, uma presença importante na poética de Lauriano, tais como espadas de São Jorge, tridentes de 'Exu' e palavras como 'Axé' (ambas referentes a divindades afro-brasileiras). O artista, cuja pesquisa também se concentra na história da colonização, inclui reproduções de fotografias e aquarelas feitas por viajantes estrangeiros do século XIX, retratando cenas da escravatura no Brasil. Também intervém com colagens de tridentes de Exu, que servem como uma espécie de proteção contra todo o mal colonial que afecta esses indivíduos, marcando a posição política de Lauriano a favor do pensamento descolonizador.

bio do artista



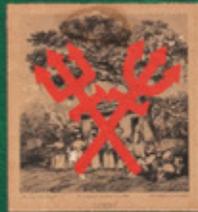
Jaime Lauriano
Quando a gira girou, 2022
tinta acrílica, adesivos, impressão
jato de tinta, quartinhas de barro,
estampas e fita autoadesiva reflexiva
prateada sobre mdf
97 x 120 x 3,5 cm





CONVICTS.





Axé
Axé
Axé





Em *Christina's World after Andrew Wyeth*, Vik Muniz revisita a famosa pintura norte-americana do mesmo título, pintada em 1948 por Wyeth. Esta célebre pintura retrata Christina Olson, uma mulher que sofreu de várias degenerações musculares, que resultaram na paralisia do seu corpo inferior, levando-a a arrastar-se pela sua terra para poder colher legumes. Nesta releitura, porém, Muniz reconstrói a tela usando vários pequenos retratos e fragmentos de pintura recolhidos ao longo da história da arte, nomeadamente numerosas figuras de mulheres das mais diversas culturas e condições.

bio do artista

Vik Muniz
*Christina's World a partir de
Andrew Wyeth*, 2022
impressão jato de tinta em papel archival
100 x 150 cm





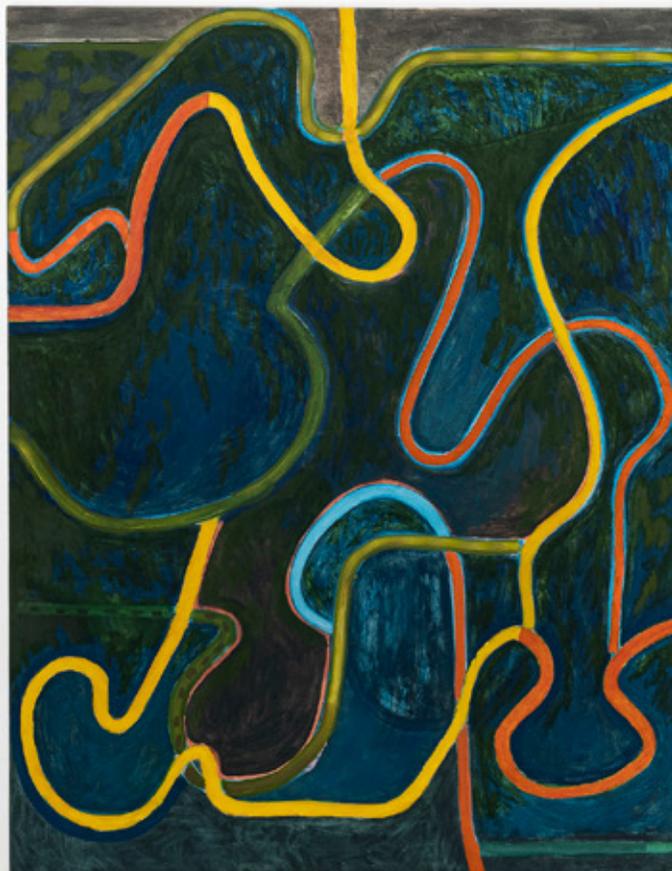
Sem Título, de 1999, já pertence a outro momento da carreira de Tomie Ohtake. Se nos anos 1970 e 1980 se destacam formas mais acabadas, por vezes com certa solidez, aqui estas são mais sugestivas, se insinuam de forma discreta. O uso de tinta acrílica dissolvida em água deixa a atmosfera geral da composição mais esfumaçada e volátil. Nas palavras do crítico Frederico Moraes: “nas telas dos anos 90, a pincelada vibrátil, mais toque que extensão, anula ou mesmo destrói a precisão da linha curva, resultando em formas que se dissipam, envoltas que estão numa matéria gasosa, nublada, nuviosa. E não por acaso, a artista substitui a opacidade corpórea do óleo pelo acrílico que favorece as transparências e veladuras”.

Tomie Ohtake
Sem título, 1999
tinta acrílica sobre tela
70 x 70 cm

As três obras de Bruno Dunley: *Lawn*, *Novembro* e *The Beauty Painting II*, todas de 2022, fazem parte da investigação levada a cabo pelo artista nos últimos anos. A sua grande escala chama a atenção para a exuberância das suas cores: intensas, luminosas e vibrantes, bem como para a sua diversidade, dado que o pintor trabalha tanto com cores frias, como o azul e o roxo, como com cores mais quentes, como o amarelo e o vermelho, tudo dentro da mesma composição. Todas estas pinturas foram feitas com tintas a óleo e produzidas localmente pelo artista através de uma da marca Joules&Joules, que fundou ao lado do pintor Raphael Carneiro como resposta à escassez de materiais de arte importados no Brasil.

O interesse pela cor e as suas possibilidades expressivas tem sido o esteio da obra de Dunley nos últimos anos. A fim de melhorar este conhecimento, o Dunley concentra-se no estudo de manuscritos medievais e orientais iluminados, exemplos históricos do uso de cores vivas e intensas. Outro fator, como salienta o crítico José Augusto Ribeiro, é o facto de a mesma pintura conter justaposições de diferentes elementos e gestos, por vezes contraditórios: “a constituição da pintura começou a envolver operações diversas e por vezes conflituosas, com figuras e ações em sobreposição”.

bio do artista



Bruno Dunley
Relva, 2022
tinta óleo sobre tela
140 x 110 cm







Bruno Dunley
Novembro, 2022
tinta óleo sobre tela
100 x 80 cm







Bruno Dunley
The beauty painting II, 2022
tinta óleo sobre tela
170 x 140 cm



bruno dunley

n. 1984, petrópolis, brasil,
vive e trabalha em são paulo, brasil

No universo pictórico de Bruno Dunley, promessas são constantemente feitas e quebradas, distendendo os limites da visualidade. Seu trabalho explora a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística. Dunley é um dos expoentes da nova e proeminente geração de pintores brasileiros e um dos fundadores do Grupo 2000e8. O coletivo de jovens artistas foi criado em São Paulo devido a um interesse compartilhado pela pintura e pela vontade de desenvolver um pensamento crítico sobre a técnica na contemporaneidade.

O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Frequentemente, uma única cor predomina na superfície, o que gera uma postura meditativa diante do trabalho. Contudo, há a busca crescente por configurações mais agressivas, expressivas e contrastadas, por cores vibrantes. Em sua prática, a temática é sempre dúplice: o artista pinta influenciado pelo encontro com imagens cotidianas, assim como pelo estudo aprofundado do campo pictórico. Ambas convergem, porém, no uso pronunciado dos códigos dessa linguagem. Gestos, planos e cores fazem a representação emergir mais como um alfabeto, um território comum, em que o processo de feitura sempre está presente.

exposições individuais selecionadas

- *Clouds*, Nara Roesler, New York, EUA (2023)
- *Virá*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *The Mirror*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2018)
- *Dilúvio*, SIM Galeria, Curitiba, Brasil (2018)
- *Ruído*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *e*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2013)
- 11bis Project Space, Paris, França (2011)

exposições coletivas selecionadas

- 37ª Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2022)
- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Afro-Atlantic Histories*, National Gallery of Art, Washington DC, EUA (2022); Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, EUA (2022)
- 33ª Bienal de São Paulo, Brazil (2018)
- 11ª Mercosul Biennial, Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Quem não luta tá morto – arte democracia utopia*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Levantes*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2017)
- *Projeto Piauí*, Pivô, São Paulo, Brasil (2016)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar

lucia koch

n. 1966, porto alegre, brasil

vive e trabalha em são paulo, brasil

O trabalho de Lucia Koch investiga questões relativas ao espaço e propõe novas formas de experienciá-lo. A artista estabelece um intenso diálogo com a arquitetura – tanto pelo modo como suas obras interferem nos lugares onde são instaladas quanto pela criação de espaços imaginários, o que desafia e reorienta a percepção do espectador.

Nas palavras do crítico e curador Moacir dos Anjos, a artista “reorganiza a compreensão visual de espaços [...] e estabelece um sentido público para o trabalho, seja pela negociação envolvida em seu processo, seja pelo desconcertante efeito que causa”. A partir de filtros, tecidos e outros anteparos, ela opera com a luz e seus efeitos cromáticos, sempre tensionando as relações entre o dentro e o fora, a transparência e a opacidade na criação de atmosferas únicas e sensíveis.

Desde 2001, Koch fotografa interiores de caixas e embalagens vazias, que sugerem extensões virtuais dos locais onde as obras são instaladas. Esse conjunto de imagens opera fundamentalmente a partir de jogos de escala, em que o pequeno se torna imenso e habitável, indagando, assim, sobre as condições capazes de transformar o espaço em lugar e se aproximando, cada vez mais, de uma pesquisa pouco ortodoxa no campo da arquitetura.

exposições individuais selecionadas

- *Double Trouble*, Palais d'Iéna, Paris, França (2022)
- *Casa de vento*, Casa de Vidro, São Paulo, Brasil (2019)
- *A longa noite*, Sesc Pompéia, São Paulo, Brasil (2018)
- *La temperatura del aire*, Fundación Caja de Burgos, Burgos, Espanha (2015)
- *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones*, Flora ars + natura, Bogota, Colombia (2014)
- *Cromoteísmo*, Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil (2012)
- *Correções de luz*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- 1ª Bienal de Rabat, Marrocos (2019)
- Open Spaces Kansas City Arts Experience, Kansas, EUA (2018)
- 2ª Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA) – *Learning from Latin America: Art, Architecture and Visions of Modernism*, Los Angeles Municipal Art Gallery (LAMAG), Los Angeles, EUA (2017)
- *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil*, Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA (2014)
- 11ª Sharjah Biennial, Sharjah, Emirados Árabes (2013)
- 11ª Bienal de Lyon, França (2011)
- *When Lives Become Form*, Yerba Buena Center For Arts, San Francisco, USA (2009); Contemporary Art Museum, Tokyo, Japão (2008)
- 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006)
- 8ª Bienal de Istambul, Turquia (2003)

coleções selecionadas

- J. Paul Getty Museum, Malibu, EUA
- Musée d'Art Contemporain de Lyon, Lyon, França
- Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar

jaime lauriano

n. 1985, São Paulo, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Por meio de vídeos, instalações, objetos e textos, Jaime Lauriano revisita os símbolos, imagens e mitos formadores do imaginário da sociedade brasileira, tensionando-os a partir de proposições críticas capazes de revelar como as estruturas coloniais do passado reverberam na necropolítica contemporânea. Lauriano aborda as formas de violência cotidiana que perpassam a história brasileira desde sua invasão pelos portugueses, centrando-se, com especial perversidade, em indivíduos racializados. Nesse sentido, o artista se debruça sobre os traumas históricos de nossa cultura, compreendendo suas complexidades a partir do agenciamento de imagens e discursos provenientes das mais diversas fontes, sejam aquelas tidas como oficiais, como veículos de comunicação e propagandas de Estado; como as extra oficiais, como vídeos de linchamentos compartilhados pela internet.

Sua crítica se estende da macropolítica das esferas do poder oficial à micropolítica. Lauriano pensa o trauma não só em sua dimensão temporal, mas também espacial, valendo-se de formas de mapeamento a fim de questionar as disputas e construções territoriais coloniais. Outra dimensão de seu trabalho é a conexão com religiões ancestrais de matriz africana. O artista emprega signos e símbolos desses rituais, como a pomba branca, utilizada na feitura de seus mapas, compreendendo como a esfera religiosa foi fundamental para a resistência dos escravizados, servindo como espaço de manutenção de suas relações com o território ancestral.

exposições individuais selecionadas

- *Paraíso da miragem*, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2022)
- *Marcas*, Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil (2018)
- *Brinquedo de furar moletom*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2018)
- *Nessa terra, em se plantando, tudo dá*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Impedimento*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- 37ª Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2022)
- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Afro-Atlantic Histories*, National Gallery of Art, Washington DC, EUA (2022)
- *Afro-Atlantic Histories*, Museum of Fine Arts (MFAH) (2022), Houston, EUA (2022)
- 11ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Quem não luta tá morto – arte democracia utopia*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Levantes*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2017)

coleções selecionadas

- Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Schoepflin Stiftung, Lörrach, Alemanha

voltar

manoela medeiros

n. 1991, rio de janeiro, brasil

vive e trabalha entre rio de janeiro, brasil e paris, França

Em seu trabalho Manoela Medeiros interroga os meios artísticos além de seus formatos convencionais, onde pinturas e instalações *in situ* servem para explorar as relações entre espaço, tempo e a corporeidade da arte e do espectador. Em uma perspectiva híbrida do pictórico, Medeiros articula uma abordagem da pintura que ultrapassa a especificidade de seu próprio meio, utilizando recursos da escultura, da performance e da instalação.

Intervindo muitas vezes de maneira direta nos espaços expositivos, sua obra sobrepõe as temporalidades da própria prática artística e do ambiente construído no qual se insere. Medeiros concebe a obra a partir de detalhes do lugar, sejam eles materiais, elementos estruturais ou até mesmo sua relação com a iluminação, natural e artificial. Sua prática introduz no espaço uma organicidade ao expor suas entranhas, ou estruturas, fazendo da arquitetura não apenas uma estrutura, mas um corpo.

A prática de Medeiros comporta procedimentos arqueológicos, tornando visível aquilo que muitas vezes subjaz, assim como se nutre da ideia de ruína, um índice espacial da passagem do tempo. Medeiros escava as superfícies, como as paredes do espaço expositivo, para trazer à tona suas sucessivas camadas, as diferentes cores e materiais que ali foram aplicados e que permaneciam esquecidas. Desse modo, a artista visa refundar nossa experiência temporal ao expor, simultaneamente, suas sucessivas camadas, cada qual portadora da memória do momento em que foi aplicada, deixando-as coexistir e interpenetrar-se. Medeiros opera entre a construção e a destruição, mostrando sua complementaridade, mais do que seu antagonismo

[voltar](#)

exposições individuais selecionadas

- *Carnaval da substância*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Concerto a céu aberto*, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2020)
- *L'être dissout dans le monde*, Galerie Chloé Salgado, Paris, França (2019)
- *Poeira varrida*, Galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2017)
- *Falling Walls*, Double V Gallery, Marselha, França (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Recycler / Surcycler*, Fondation Villa Datris, L'Isle-sur-la-Sorgue, França (2020)
- *Reservoir*, 019, Ghent, Bélgica (2020)
- *Vivemos na melhor cidade da América do Sul*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Hall-statt*, Galeria Fortes D'Aloia e Gabriel, São Paulo, Brasil (2016)
- *In Between*, Galeria Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2016)
- *11º Abre Alas*, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

fabio miguez

n. 1962, são paulo, brasil, onde vive e trabalha

A pesquisa pictórica de Fábio Miguez é voltada para a espacialidade e a materialidade. Assim como os demais membros fundadores do ateliê Casa 7, Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, Miguez, na década de 1980, era influenciado pela pintura neoexpressionista alemã. No período, seus trabalhos são marcados pelo acúmulo de matéria e pelas tonalidades escuras em composições que remetem à paisagens. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto Derivas, que foram publicadas no livro Paisagem zero (2013). Sua pesquisa passa a se debruçar sobre a luz, em composições abstratas, em que a gestualidade expressiva vai dando espaço à uma geometria frouxa, e as cores claras e transparentes ganham protagonismo.

Nos anos 2000, Miguez investiga a pintura no campo tridimensional, criando instalações com a sobreposição intervalada de placas de vidro pintadas, assim como suas valises que comportam objetos que permitem a interação do espectador, recombinando os diversos elementos ali presentes. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se manifesta em trabalhos da época em que o espaço vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Desde 2010, Miguez se dedica à série Atalhos, em que se apropria de fragmentos e detalhes de pinturas de grandes mestres, reelaborando-as em pinturas de pequenas dimensões, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Um desdobramento desse conjunto são as pinturas da série Volpi, na qual o artista se apropria de um fragmento de uma fachada do pintor itálo-brasileiro, reelaborando-a em grandes pinturas.

exposições individuais selecionadas

- *Alvenarias*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Fragmentos do real (atalhos)* – Fábio Miguez, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro (2016); Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variações*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2008)
- *Fábio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

exposições coletivas selecionadas

- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7, Pivô*, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de Havana, Cuba (1986)
- 18ª e 20ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985 e 1989)

coleções selecionadas

- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar

vik muniz

n. 1961, são paulo, brasil

vive e trabalha entre rio de janeiro, brasil e nova york, estados unidos

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

exposições individuais selecionadas

- *Fotocubismo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

voltar

tomie ohtake

n. 1913, kyoto, japão

m. 2015, são paulo, brasil

Uma das principais representantes da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto, Japão, em 1913, mudando-se para o Brasil em 1936.

Sua carreira artística teve início aos 37 anos quando se tornou membro do grupo Seibi, que reunia artistas de descendência japonesa. No final da década de 1950, ao abandonar a fase inicial de estudos figurativos na pintura, mergulhou em explorações abstratas. Nessa fase, realizou a série conhecida como Pinturas cegas em que suprimia a visão para experimentar e desafiar as ideias fundamentais do movimento neoconcreto brasileiro, trazendo à tona em sua prática sensibilidade e intuição.

Em 1957, convidada pelo crítico Mário Pedrosa, ela realizou uma primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), que culminou, quatro anos depois, em sua participação na Bienal de São Paulo de 1961. Ohtake começou a experimentar vários métodos de impressão durante os anos de 1970 e, já no final da década de 1980, executou projetos esculturais de grande escala, assim como esculturas públicas em São Paulo e cidades vizinhas. Tendo trabalhado até o fim na vida, Tomie Ohtake faleceu em 2015, aos 101 anos de idade.

voltar

exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Persistência do visível*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: Cor e corpo*, Caixa Cultural, Brasília, Brasil (2018)
- *Tomie Ohtake: Nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Raio-que-o-parta: Ficções do moderno no Brasil*, Sesc 24 de Maio, São Paulo, Brasil (2022)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Contemporâneo, sempre – Coleção Santander Brasil*, Farol Santander, São Paulo, Brasil (2019)
- *Surface Work*, Victoria Miro, Londres, Reino Unido (2018)
- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection*, Art Museum of the Americas, Washington, EUA (2013)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- M+, Hong Kong
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- Mori Art Museum, Tóquio, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

amelia toledo

n. 1926, são paulo, brasil

m. 2017, cotia, brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo: 1958-2007*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasiliiana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art